



## INTER-RELAÇÕES DE SABERES DINAMIZADOS PELA METODOLOGIA DA FILOSOFIA CLÍNICA E PELAS CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

### *KNOWLEDGE CONNECTIONS INSPIRED BY THE METHODOLOGY OF CLINICAL PHILOSOPHY AND COMPUTER SCIENCE*

Maurício Sant Ana do Nascimento\*

#### RESUMO

O eixo temático deste ensaio reflexivo inter-relaciona fundamentos metodológicos da Filosofia Clínica (FC) sistematizada por Lúcio Packter, especificamente em se tratando da dinâmica constitutiva dos procedimentos clínicos, ou seja, dos chamados Submodos, em face a processos organizacionais das Ciências da Computação em apoio a atividades terapêuticas, com destaque para a linguagem IHC (Interação Humano-Computador) na potencialização da qualidade de vida e bem-estar de cada pessoa/usuário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, expressa neste artigo básico de revisão, pautada numa revisão de literatura embasada em autores das áreas de conhecimento investigadas tendo como objetivo promover o conhecimento acerca da sistematização realizada por Packter, com o foco nos Submodos – terceiro pilar metodológico da FC, bem como sobre outras possibilidades interativas por meio da IHC. O estudo se volta para a teoria dos conjuntos do matemático Georg Cantor, em vista de uma outra aproximação à dinâmica formativa do próprio conceito de Submodo, além do conceito de Modos, dentre outros, no âmbito de novas possibilidades de marcadores epistemológicos para FC e Ciências da Computação.

**Palavras-chave:** Filosofia Clínica; Lúcio Packter; submodos/modos; Ciência da Computação; Georg Cantor.

#### ABSTRACT

*The thematic axis of this reflective essay interrelates the methodological foundations of the Clinical Philosophy (CF) systematized by Lúcio Packter, specifically when it comes to the constitutive dynamics of clinical procedures, that is, the so-called Submodes, in the face of organizational processes of Computer Sciences in support of therapeutic activities, with emphasis on the HCI (Human-Computer Interaction) language in enhancing the quality of life and well-being of each person/user. This is bibliographical and documentary research, expressed in this basic review article, based on a literature review based on authors from the areas of knowledge investigated, with the aim of promoting knowledge about the systematization carried out by Packter, with a focus on Submodes - the third methodological pillar of HCI, as well as on other interactive possibilities through HCI. The study turns to mathematician Georg Cantor's theory of sets, in view of another approach to the formative dynamics of the concept of Submode itself, as well as the concept of Modes, among others, in the context of new possibilities for epistemological markers for CF and Computer Science.*

**Keywords:** Clinical Philosophy; Lúcio Packter; submodes /modes; Computer Science; Georg Cantor.

## 1 INTRODUÇÃO

O desafio de buscar novos submodos para a Filosofia Clínica envolve o trabalho com a própria existência, visando uma aproximação de cada pesquisador<sup>1</sup> à Estrutura de Pensamento (EP) de Lúcio Packter, sistematizador desta prática terapêutica.

<sup>1</sup> Entendam-se aqui os papéis existenciais de cada pessoa dedicada ao estudo da Filosofia Clínica (FC), filósofas e filósofos clínicos, especialistas em FC, bem como estudantes de Filosofia Clínica e estudiosos de outras áreas de interesse.



No entanto, seguir esse caminho de aproximação pelas vias da formação enquanto aprendizes e/ou como especialistas em atividade, não é algo que se mostra produtivo na subjetividade de quem decide se lançar em tal tarefa investigativa, uma vez que exigiria o cumprimento de uma gigantesca tarefa de compreender e significar o nome do estimado doutor, filósofo clínico e professor Lúcio, além de suas inúmeras contribuições, constituídas em estudos, fundamentações, livros, viagens, colaborações, desafios e outros aspectos, o que tornaria impossível a elaboração deste ensaio, tamanha e profunda a sua contribuição. Diante dessa realidade, optou-se por investigar outras vias que permitissem tal aproximação, o que pudemos desenvolver em nossa pesquisa<sup>2</sup> de mestrado em Filosofia Clínica.

Nesse contexto, surgiu a ideia de observar por meio de uma abordagem inversa, utilizando-se de conceitos, ou termos, com significado aproximado, neste contexto específico, em substituição ao caminho direto às vivências singulares de Packter para a sistematização. Nessa dinâmica de dados de semiose substitutivos, nos termos da FC relativos a procedimentos clínicos, entrou em cena a possibilidade da utilização do Submodo chamado ‘vice-conceito’ (Submodo 22), um procedimento utilizado quando há a possibilidade de troca de um conceito por outro em realidade específica “[...] sem alterar o sentido geral da sentença como um todo (uso de metáforas, analogias com filmes ou situações, sinonímias etc). Muda-se a forma, preservando o significado”. (Goya, 2010, p. 111)

Adotando um vice-conceito, a estratégia passou a ser a aproximação ao pintor, não por meio da interação direta do sensorial e abstrato, mas através das pinturas por ele produzidas. Em outras palavras, as pinturas representam a singularidade e o movimento em que está o pintor, na direção da mesma. Embora as pinturas apresentem dinamismo que possam tornar ainda mais complexa a sua própria compreensão, elas são possuidoras de alma, de história, de bases categoriais distintas, valha dizer, elas são possuidoras de vida. A exemplo, destacam-se os registros valiosos contidos em obra<sup>3</sup> de marco

---

<sup>2</sup> Este trabalho compreende o exercício de nossa iniciação científica no âmbito metodológico de uma pesquisa bibliográfico-documental, cujas reflexões e fundamentações realizamos no Capítulo II de nossa pesquisa de mestrado denominada ‘**Inter-relações de saberes com foco centrado na pessoa: diálogo com possibilidade de composição de novos procedimentos clínicos**’ (2024), apresentado e defendido junto ao colegiado do Instituto Sendtko de Ensino Superior.

<sup>3</sup> **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**: obra desenvolvida por diversos autores com o propósito de registrar os momentos marcantes da sistematização da Filosofia Clínica no Brasil. Por esse ângulo, aborda, de forma singular, os diversos aspectos desta construção histórica que remonta há quase três décadas, quando Lúcio Packter inaugura as duas primeiras turmas de formação no Brasil, na capital gaúcha.



significativo que viabilizam uma aproximação à EP do sistematizador, por meio de diferentes dimensões, a exemplo do fator histórico, frisado por Goya (2020, p. 25).

Voltando-se ao vice-conceito que ambienta a experiência existencial do ‘pintor’, focou-se na compreensão da sua pintura, que em analogia ao papel existencial do Filósofo Clínico, no exercício prático do seu método, dá testemunho de sua própria vida, conforme é situado por Niederauer (2020, p. 201) e caracterizado por Goya (2020, p.17), quando aponta a resiliência filosófica e a vocação à alteridade.

A constante resiliência filosófica, a vocação à alteridade e a consciência ética de superar e transcender, tem seus propósitos. Foram citadas para o exercício, e para algo que não está explícito: saber lidar com o erro, o cansaço, a pesquisa contínua e ser capaz de transformar misérias, quedas e vergonhas existenciais em aprendizagem para a vida.

A recíproca de inversão refere-se à ida ao mundo existencial do outro, quando o sujeito abandona, subjetivamente, o seu próprio mundo existencial e passa a conjecturar as coisas do ponto de vista da outra pessoa.

Packter ultrapassa o termo, indo ao mundo do outro de forma gratuita em função das condições financeiras, fazendo a sua existência uma doação aos necessitados. A doação é parte ativa e ainda atuante na historicidade do Lúcio Packter, sendo este um fato de extrema relevância em destacar nesta pesquisa, enfatizando-se dados que surgem durante o esforço da aproximação.

Exemplo de uma pintura da vida de Packter no dado de semiose de registro escrito são estas palavras de Sendtko, que possibilitam uma aproximação à EP de Packter pela descrição histórica sobre vivências e posturas do sistematizador na formação de filósofos clínicos em várias partes do território brasileiro, conforme se encontra em dados descritos por Sendtko (2020, p. 118), sobre os mais de 20 anos dedicados por Packter à formação de filósofos clínicos por todo o Brasil.

A sensibilidade, o intercâmbio, o livre acesso e a hospitalidade são elementos que se encontram na EP de Lúcio Packter. Adicione a isto o entusiasmo que sente ao estimular as pessoas a serem melhores e a ajudarem a fazer um mundo mais humano. Lúcio assumiu a missão em ajudar as pessoas a sair do que empobrece a sua existência (Carvalho, 2020).

Ademais, ainda há, neste mosaico existencial packteriano, no exercício da recíproca de inversão, a dor, as crises, as lágrimas, dentre outras coisas, conforme nos atesta Nascimento, C. E. S., com “[...] uma Interseção que teve sempre como foco o desejo de cuidar do ser, seja ele quem for” (2020, p. 189).



Nesse exercício desafiante de aproximação à EP de Packter ao modo de um vice-conceito do filósofo-clínico análogo a um pintor, em suas práticas existenciais, apresenta-se uma diversidade de direções, perspectivas, dimensões, abordagens, percepções e representações possíveis, ressaltando-se a riqueza, a profundidade e a complexidade da existência humana.

Em meio a estes contextos, temos os desafios impostos pela sociedade, pelas pessoas, na forma como são utilizadas as tecnologias; e nesse ínterim, buscaremos a seguir identificar e apresentar inter-relações entre saberes sistematizados e transmitidos por Packter com saberes das Ciências da Computação, no intuito de aproximar os estudiosos da FC a certos conhecimentos que estão na base da engenharia de criação de um *software*, do desenvolvimento de inteligências artificiais, da programação de um *site*, *blog*, ou rede social, como espaços de desenvolvimento pessoal e coletivo diariamente ocupados pelos sujeitos.

## 2 APROXIMAÇÃO ENTRE SABERES

O eixo temático deste ensaio reflexivo inter-relaciona saberes distintos em busca de suas aproximações possíveis, discutindo acerca dos fundamentos metodológicos da Filosofia Clínica (FC) sistematizada por Lúcio Packter. Especificamente a reflexão se volta para a dinâmica constitutiva dos procedimentos clínicos em FC, ou seja, aos chamados Submodos, que em outro momento conversam com processos organizacionais das Ciências da Computação, que possuem várias ambientações que podem colaborar em apoio a atividades terapêuticas como no caso da FC. Nesse contexto tem destaque para a linguagem IHC (Interação Humano-Computador), voltado à potencialização da qualidade de vida e bem-estar de cada pessoa/usuário, conforme já abordamos em outro estudo<sup>4</sup> nosso, de acesso livre a quem desejar conhecer sobre o assunto relacionado à FC.

### 2.1 DIREÇÕES EXISTENCIAIS

Antes do tratamento acerca das relações entre FC/Submodos e IHC, é preciso apresentar algumas bases da literatura concernentes a como se comporta a dinâmica das manifestações e direções existenciais.

---

<sup>4</sup> Sugerimos Cf. o artigo '**Filosofia clínica e tecnologias da informação: o cuidado no tratamento de dados em clínica na Interação Humano-Computador**', que está disponível pelo seguinte *link*: [https://www.revistapartilhas.org/files/ugd/b3c8b3\\_f84331422d324270bd58968acae493cd.pdf](https://www.revistapartilhas.org/files/ugd/b3c8b3_f84331422d324270bd58968acae493cd.pdf).



As manifestações existenciais no mundo assumem diversas formas e direções, cada uma guiada por um conjunto específico de ideias e orientações. Inicialmente, é necessário conceber a orientação e formular um mapa, que permite o conhecimento do terreno e o estabelecimento de um foco ou tendência a ser seguida (Johnson, 2002).

Ao se mover em direção ao foco, o caminho percorrido molda o indivíduo, exigindo dele uma posição, enquadramento, equilíbrio, força e inclinação. Com o passar do tempo, essas posições sofrem correções e ajustes, remodelando-se e reposicionando-se constantemente (Smith, 2015).

De acordo com Johnson (2002), esses movimentos de orientação, direção, posição e ajuste são fundamentais para as diversas manifestações existenciais que ocorrem no mundo.

Algumas dessas manifestações se direcionam para o cosmos, enquanto outras buscam compreender o meio ambiente ou explorar o solo, materiais e objetos do entorno. Há também aquelas que se voltam para o interior do ser humano, buscando compreender suas próprias questões e seu “eu” (Rogers, 1951).

Por fim, outras manifestações existenciais se concentram na compreensão do outro, na busca pela empatia e conexão interpessoal (Fromm, 1956). A diversidade dessas direções e abordagens ressalta a riqueza e complexidade da existência humana, que se manifesta de inúmeras maneiras, refletindo uma ampla gama de interesses, preocupações e objetivos.

A capacidade de se adaptar e ajustar ao longo do tempo, conforme apontado por Smith (2015), é um aspecto crucial desse processo, permitindo que os indivíduos respondam de forma eficaz e resiliente aos desafios e oportunidades encontrados ao longo de suas jornadas existenciais.

Tendo como objetivo promover o conhecimento acerca da sistematização realizada por Packter, com o foco nos Submodos – terceiro pilar metodológico da FC, a seguir este ensaio apresentará as direções do movimento sapiencial filosófico-clínico, como também mais adiante o movimento sapiencial de possibilidades interativas com a FC por meio das Ciências da Computação, especialmente a IHC, dentro da Tecnologias de Informação em diálogo com conceitos da teoria dos conjuntos do matemático Georg Cantor<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Tradução da identificação/nomenclatura da obra aqui citada no original, em Alemão: ‘Sobre uma propriedade do conjunto de todos os números algébricos reais’. Local de publicação: Revista de matemática pura e aplicada.



## 2.2 A DIREÇÃO DO MOVIMENTO DA FILOSOFIA CLÍNICA

A FC sistematizada por Lúcio Packter pode ser interpretada como uma manifestação existencial que se direciona ao outro, caracterizando-se como um movimento de empatia e atenção à singularidade (Packter, 1999). Nesse sentido, a abordagem proposta por Packter se destaca por seu compromisso com a compreensão das experiências e perspectivas individuais, buscando oferecer um espaço de diálogo e reflexão no qual cada pessoa possa se sentir ouvida, respeitada e acolhida.

No contexto da FC, o encontro terapêutico é entendido como uma oportunidade para explorar e valorizar as particularidades de cada indivíduo, reconhecendo a importância de seu histórico, vivências e experiências. Dessa forma, o terapeuta filosófico, ao se posicionar com empatia e abertura, convida o paciente a se expressar livremente, estabelecendo uma relação de confiança que permite o desenvolvimento de um processo terapêutico efetivo e transformador.

Essa ênfase na singularidade e na relação empática entre terapeuta e partilhante reflete o compromisso da FC com o respeito à diversidade e complexidade da existência humana.

Ao abordar o processo terapêutico com sensibilidade e atenção às particularidades do outro, a FC, conforme proposta por Lúcio Packter, contribui para o avanço do conhecimento sobre o ser humano e suas múltiplas manifestações existenciais, oferecendo uma perspectiva única e valiosa para a compreensão e intervenção no âmbito da saúde mental e do bem-estar, para além das significações padronizadas por órgãos de governo e outras instituições já conhecidas que tratam de temas como esses, destacando-se e sendo relevante e primordial o caráter singular que a definição de cada conceito desses possui da existência de cada pessoa.

## 2.3 SABERES EM DIREÇÃO À SINGULARIDADE

Utilizando-se de outro ‘vice-conceito’, no contexto específico das construções, Moshe Safdie é um arquiteto que busca incorporar uma série de valores em seus projetos, visando não apenas a estética, mas também o bem-estar dos habitantes e a harmonia com o entorno. Suas obras refletem a modularidade, a combinação entre o individual e o coletivo, a vida comunitária e os espaços privados, bem como elementos culturais, históricos e ambientais (Safdie, 1997).



A modularidade, presente no icônico projeto Habitat 67 demonstra a busca de Safdie por soluções habitacionais eficientes, flexíveis e adaptáveis às necessidades dos usuários (Safdie; Kohn, 2016). Essa abordagem permite a customização das unidades habitacionais de acordo com as preferências e necessidades individuais, sem comprometer a integridade e a funcionalidade do conjunto.

A combinação entre o individual e o coletivo é uma característica marcante dos projetos de Safdie. Ele acredita que a arquitetura deve proporcionar espaços privados que permitam a introspecção e o descanso, assim como espaços comunitários que incentivem a interação e a troca entre os habitantes (Safdie, 1997).

Essa visão se alinha à Filosofia Clínica de Lúcio Packter (2001), que defende a importância de respeitar a singularidade e a subjetividade de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade de convívio e interação com o coletivo.

Os elementos culturais, históricos e ambientais são fundamentais na filosofia de *design* de Safdie. O arquiteto enfatiza a importância de considerar o contexto local, as tradições e os valores culturais na concepção de seus projetos (Safdie; Kohn, 2016).

Nessa abordagem há grande inter-relação com a FC, que também valoriza a singularidade e o contexto de cada indivíduo, entendendo que a identidade é formada por uma complexa interação entre aspectos culturais, históricos e ambientais.

A Filosofia Clínica de Lúcio Packter e a arquitetura de Moshe Safdie compartilham a preocupação com a sensibilidade ao contexto e a valorização da singularidade.

Ambos reconhecem a importância de considerar as características e necessidades individuais, bem como a interação com o coletivo, para proporcionar uma vida mais equilibrada e significativa.

Assim como a Filosofia Clínica de Lúcio Packter e a arquitetura de Moshe Safdie, a Interação Humano-Computador (IHC) também compartilha a preocupação com a sensibilidade ao contexto e a valorização da singularidade, na busca de compreender a importância de viver aquilo que se gosta de forma contínua e sem interrupções, como algo é fundamental para alcançar a fluidez e aprofundamento nos assuntos de interesse, o que consequentemente aumenta a assertividade e a possibilidade de colaboração com diferentes saberes.

Conforme Csikszentmihalyi (1990), o estado de fluxo é alcançado quando um indivíduo se envolve de maneira profunda e concentrada em uma atividade que lhe



proporciona prazer e satisfação. Ao manter essa dedicação constante, o indivíduo se torna mais apto a desenvolver habilidades e conhecimentos que permitam uma colaboração eficaz com outras áreas do saber, promovendo uma interação enriquecedora e a construção de soluções inovadoras (Sawyer, 2006).

A vivência contínua e ininterrupta do que se gosta, portanto, contribui para o desenvolvimento de competências e a expansão do conhecimento, possibilitando a conexão e o diálogo entre distintos campos de atuação. Tal abordagem favorece a troca de experiências, a integração de perspectivas e o avanço coletivo rumo a uma sociedade mais colaborativa e inovadora.

## 2.4 FLUÊNCIA DO SABER

A fluência pode ser entendida como a habilidade de executar uma atividade de maneira suave, natural e eficiente. Este conceito pode ser aplicado a diversos contextos, desde o domínio de um idioma até a prática de esportes.

Movimentos naturais, como a respiração e a caminhada, também são exemplos de fluência, pois ocorrem de forma espontânea e rítmica, revelando a capacidade inata do nosso corpo de se adaptar e interagir com o ambiente. Por outro lado, certas atividades exigem estudo, treinamento e dedicação para que se possa atingir a fluência, como no caso de tocar um instrumento musical ou praticar artes marciais.

Independentemente do contexto, a fluência é fruto de um processo de aprendizado contínuo e aprimoramento, permitindo que as habilidades e competências sejam expressas com maior naturalidade, graça e eficiência.

A conquista da fluência pode variar significativamente entre diferentes indivíduos, devido a diversos fatores relacionados à experiência de vida, posicionamento no mundo e circunstâncias específicas (Smith, 2010).

Segundo alguns pesquisadores, como Smith (2010), o processo de aquisição de fluência é altamente pessoal e dependente do tempo de maturação e das habilidades cognitivas de cada indivíduo. Dessa forma, é importante reconhecer que cada pessoa possui um ritmo próprio de desenvolvimento e que, em alguns casos, pode ser necessário uma reestruturação Tópica da Estrutura de Pensamento (EP) para alcançar a fluência desejada. A compreensão dessas variações individuais e o respeito ao tempo de cada pessoa são cruciais para o sucesso na busca pela fluência, seja ela em atividades cotidianas, habilidades profissionais ou mesmo em aspectos emocionais e relacionais.





### 3 MARCAÇÕES DA METODOLOGIA DA FILOSOFIA CLÍNICA DIANTE DA ANÁLISE COMPUTACIONAL

#### 3.1 TEORIA DOS CONJUNTOS DE CANTOR: UM PARADIGMA PROMISSOR

Historicamente, a introdução de novas ferramentas e abordagens tem sido um catalisador para avanços significativos em várias áreas do conhecimento. Por exemplo, a invenção do microscópio permitiu aos cientistas explorar o mundo microscópico e ampliar nossa compreensão das células e da biologia. Da mesma forma, a aplicação de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), que possuem muito conhecimento matemático, pode abrir novos horizontes na Filosofia Clínica (FC) para a compreensão e sistematização dos elementos e processos envolvidos na terapia.

Lúcio Packter, filósofo e sistematizador da FC, buscou inspiração no trabalho do matemático Georg Cantor para solucionar o problema do aprofundamento da historicidade, fazendo uso dos conceitos de intervalos abertos e fechados propostos por Cantor.

Georg Cantor foi um matemático alemão do século XIX que ficou amplamente conhecido por suas contribuições à teoria dos conjuntos e pela introdução do conceito de infinito em matemática. Embora o trabalho de Cantor não tenha sido desenvolvido especificamente para estudar o cérebro humano, sua teoria dos conjuntos tem sido aplicada e adaptada por pesquisadores em várias áreas, incluindo a neurociência e a modelagem computacional do cérebro.

Um exemplo de matemático inspirado no trabalho de Cantor para investigar o funcionamento do cérebro é Benoît Mandelbrot. Este estudioso desenvolveu a geometria fractal (descreve formas e padrões que se repetem em diferentes escalas), aplicada no estudo de estruturas neurais e padrões de atividade cerebral (Mandelbrot, 1982).

Ademais, pesquisadores que trabalham com redes neurais artificiais, como o matemático e cientista da computação Geoffrey Hinton, têm utilizado conceitos da teoria dos conjuntos de Cantor no desenvolvimento de algoritmos e arquiteturas de aprendizado profundo (Hinton, 2006).

Essas abordagens têm proporcionado avanços significativos na compreensão dos processos cognitivos e na criação de modelos computacionais do cérebro. Embora não haja uma citação específica do trabalho de Cantor diretamente relacionada ao estudo do cérebro, sua influência na matemática e na ciência é inegável.



Em nosso estudo da teoria dos conjuntos de Cantor encontramos a possibilidade de explorar outras formas complementares à busca por uma compreensão mais aprofundada da historicidade de uma pessoa, evitando-se contaminações e distorções na análise dos eventos e experiências que compõem a história de vida de uma pessoa.

Antes de abordarmos sobre essas novas possibilidades, vejamos o que nos ensina Packter (*apud* Goya, 2020) sobre Cantor, quando aborda acerca de aspectos em clínica que são matematizáveis e o que seria esta matematização em Filosofia Clínica na colheita da historicidade do partilhante:

Na obra **Aspectos matematizáveis em clínica**, eu conto um trecho disso e dos filósofos matemáticos que eu utilizei nessa trajetória, como Georg Cantor. Ao me aproximar deles, eles me mostraram uma saída muito bacana. Quer ver um exemplo? Se eu não posso então perguntar diretamente a uma pessoa o porquê de tal coisa, ‘por que isso aconteceu assim?’ ou dizer ‘me fale mais sobre tal elemento’, pois assim eu destruiria a Historicidade da pessoa, derivando para além dela. Então, como eu poderia me aprofundar na sua Historicidade? Aprendi com os conceitos de intervalos abertos e fechados de Cantor, por exemplo. Entendi com isso como eu deveria colher a Historicidade de uma pessoa. Então, como eu poderia aprofundar uma Historicidade sem torcê-la completamente com os meus agendamentos, tais como ‘por quê’, ‘qual o motivo’? Como eu faria isso? A filosofia matemática me deu a saída, a resposta: por intervalos abertos e fechados. (Goya, 2020, p. 34 – grifo nosso)

Diante desses cuidados para não ser invasivo e nem destruir a historicidade de uma pessoa, percebemos que Packter encontrou na teoria dos conjuntos alguns meios, como os intervalos abertos e fechados, para que então a terapia pudesse prosseguir, com atenção a certas lacunas que muitas não seriam acessadas apenas por meio de narrativas ou transcrições de narrativas do partilhante.

Nesse sentido, estudos em áreas como a teoria dos grafos, análise combinatória e ciência da computação, que frequentemente utilizam a teoria dos conjuntos como ferramenta de análise, podem oferecer perspectivas inovadoras e complementares na obtenção da historicidade de um indivíduo. Além disso, outras abordagens matemáticas e estatísticas, como a análise de séries temporais e a teoria da informação, poderiam ser aplicadas para identificar padrões e tendências na trajetória de vida de uma pessoa, auxiliando na construção de um panorama mais preciso e menos suscetível a vieses.

Em específico à teoria dos conjuntos, ela foi desenvolvida por Georg Cantor no final do século XIX e é um ramo fundamental da matemática. A teoria é baseada em alguns conceitos e propriedades fundamentais, conforme podemos ver no Quadro 1:



Quadro 1 – Resumo da Teoria dos Conjuntos de Georg Cantor

CONCEITO	DEFINIÇÃO
Conjunto	Uma coleção de elementos distintos, que podem ser números, objetos, ou até mesmo outros conjuntos.
Pertinência	Um elemento pertence a um conjunto se estiver contido nele. Utiliza-se a notação " $x \in A$ " para indicar que $x$ é um elemento do conjunto $A$ .
Subconjunto	Um conjunto $A$ é um subconjunto de um conjunto $B$ (denotado como $A \subseteq B$ ) se todos os elementos de $A$ também estiverem em $B$ .
Conjunto vazio	O conjunto que não contém nenhum elemento é chamado de conjunto vazio e é denotado por $\emptyset$ ou $\{\}$ .
Igualdade de conjuntos	Dois conjuntos $A$ e $B$ são iguais ( $A = B$ ) se possuem exatamente os mesmos elementos.
União e interseção	A união de dois conjuntos $A$ e $B$ (denotada como $A \cup B$ ) é um conjunto que contém todos os elementos de $A$ e $B$ . A interseção de $A$ e $B$ (denotada como $A \cap B$ ) é o conjunto de elementos que são comuns a ambos os conjuntos.
Complemento	O complemento de um conjunto $A$ em relação a um conjunto $B$ (denotado como $B \setminus A$ ) é o conjunto de elementos em $B$ que não estão em $A$ .
Conjunto das partes	O conjunto de todos os subconjuntos de um conjunto $A$ é chamado de conjunto das partes de $A$ e é denotado por $P(A)$ .

Fonte: Aatoria, 2024.

A teoria dos conjuntos pode ser usada para formular novas partições de um conjunto em subconjuntos. De fato, é comum usar a teoria dos conjuntos para analisar e reorganizar dados, especialmente em áreas como teoria dos grafos, análise combinatória e ciência da computação.

Ao criar subconjuntos com a intenção de proporcionar novos paradigmas de entendimento, você está essencialmente buscando uma reestruturação de dados que ofereça novas perspectivas e *insights*. Isso pode ser útil em muitos campos, como na análise de dados, onde a reorganização de conjuntos pode revelar tendências e relações não aparentes em uma estrutura de dados mais complexa. A teoria dos conjuntos de Georg Cantor é uma ferramenta valiosa para trabalhar com coleções de elementos e pode ser usada para criar novas partições de conjuntos em subconjuntos, permitindo uma reestruturação de dados que pode levar a novos paradigmas de entendimento.

### 3.2 REMODELAGEM ESTRUTURAL E COMPOSIÇÃO DA PLATAFORMA DA ESTRUTURA DE PENSAMENTO (PEP)

O desenho de plataformas tem se mostrado uma ferramenta essencial no desenvolvimento de sistemas de informação, especialmente nas áreas do saber que envolvem a aquisição, análise e síntese de dados, bem como a geração de processos para tomada de decisão.



A utilização de figuras geométricas contidas nas plataformas tem como objetivo representar coleções de dados. Essas coleções poderão ser alteradas, reajustadas, dimensionadas, remodeladas com intuito de representar a sustentação, o apoio, o suporte, a distribuição, a equivalência, a entrada, o processamento, a saída, a interface, as estruturas complexas, ‘caixa-preta’ (elementos em que são desconhecidas as regras de negócio), os pacotes (elementos que não podem sofrer ajustes), dentre outras.

Usando um vice-conceito: a plataforma é equivalente a um apartamento; as camadas são os cômodos; a organização entre elas configura o fluxo das informações; o tamanho configura a expressividade da camada.

Um exemplo notável de aplicação do desenho de plataformas em sistemas de informação pode ser encontrado no estudo de Bresciani e Eppler (2010), que investiga o uso de visualizações de informação para melhorar a colaboração e a tomada de decisões em equipes.

Segundo os autores, a representação gráfica das camadas de uma plataforma e seus respectivos fluxos de informação proporciona uma visão mais clara do sistema como um todo, facilitando a identificação de gargalos e pontos críticos.

Além disso, conforme destaca Sallam (2011), o desenho de plataformas também é fundamental para a integração de sistemas de informação em ambientes corporativos (públicos, virtuais e outros).

A análise das camadas que compõem uma plataforma permite identificar pontos de ajuste e extensão, possibilitando uma melhor interoperabilidade entre diferentes sistemas e a criação de soluções mais eficientes.

Outro aspecto relevante do desenho de plataformas é a sua capacidade de promover a inovação. Nesse contexto, Yoo, Henfridsson & Lyytinen (2010) afirmam que a abordagem modular, que organiza o sistema em camadas e componentes, facilita a experimentação e a implementação de novas soluções, contribuindo para a evolução constante dos sistemas de informação.

Embora a plataforma ofereça diversas visões que poderão vir a agregar a área do saber, a criação de uma plataforma eficiente e bem estruturada exige a presença de camadas bem definidas que organizem os diversos componentes e funcionalidades do sistema. Uma vez organizadas, haverá a compreensão do fluxo de informação, bem como a identificação de interdependências entre os componentes do sistema.

Além disso, organização das camadas na plataforma também facilita a modularização e a escalabilidade do sistema, uma vez que as alterações ou atualizações podem ser realizadas em uma camada específica sem prejudicar o funcionamento das demais (Parnas, 1972).

De posse das camadas e do desenho da plataforma, torna-se possível vislumbrar os fluxos de informação que podem identificar oportunidades de otimização, impactando positivamente as áreas do saber que lidam com a aquisição e análise de dados. É possível observar também, se o índice de acoplamento de uma camada está alto, em outras palavras, se aquele segmento do saber possui um quantitativo de informações que possa comprometer o inteligir.

Para os casos em que o índice se apresenta como alto, há diversos procedimentos estruturais que poderão ser aplicados, tais como: análise da camada; avaliar o *Design*; discutir processos e etapas; quebrar a camada; distribuir para outras camadas, dentre outros.

Os termos ‘plataforma’ e ‘camada’ não pertencem à Filosofia Clínica. Os termos foram emprestados da área de TICs, para serem utilizados na metodologia da IHC em conversação com a FC. Os termos são essenciais para estruturação do saber, e compõem etapa necessária para atingir a inovação, seja lá qual for o seguimento. Nesse sentido, não há inovação sem que se faça uma análise ou reorganização estrutural, quando houver motivo. Sob esta ótica, verificamos que há uma importante contribuição da IHC para a FC, quando da identificação do que conhecemos da área da computação como camada, em específico à camada denominada ‘INTERFACE’. Vejamos da Figura 1 um exemplo de nossa abordagem sobre camada, a partir de um *design* das camadas do nosso planeta:

Figura 1 – As Camadas da Terra



Fonte: <https://www.estudopratico.com.br/camadas-terra/>

Como não encontramos de forma direta/explicita uma terminologia da FC que pudesse estar em analogia com a camada INTERFACE, proveniente da linguagem do saber condizente à IHC, diante desta não correspondência semântica criamos o conceito de ‘MODOS’ para tratar desta INTERFACE, quando o termo e significado de MODOS que empregamos vai diretamente estar em inter-relação como o termo SUBMODOS, elemento conhecido como terceiro pilar da linguagem do saber condizente à metodologia da FC, no campo dos procedimentos clínicos. Vejamos um outro exemplo da concepção de camadas / interfaces / modos, da área das Ciências da Computação, que diz sobre a sistematização das redes de computadores, na Figura 2:

Figura 2 – Modelo OSI (*Open Systems Interconnection*)



Fonte: [www.adonai.eti.br/2014/03/modelo-osi/](http://www.adonai.eti.br/2014/03/modelo-osi/)

A sistematização de um processo pode ser entendida como a análise e a organização de suas partes componentes de maneira lógica e estruturada, o que frequentemente envolve a aplicação de princípios matemáticos (Polya, 1957). Ao matematizar um processo, é possível segmentá-lo em fases ou camadas, facilitando a compreensão de sua estrutura e funcionamento e permitindo a identificação de padrões e relações subjacentes.

Essa abordagem pode ser aplicada à organização do conhecimento em um artigo científico, por exemplo. A estruturação do texto em seções, como introdução, metodologia, resultados e discussão, reflete uma sistematização do saber, segmentando-o em camadas para facilitar a comunicação das ideias e a compreensão do leitor (Day; Gastel, 2006).



A matematização de processos e a sistematização do conhecimento são fundamentais para o avanço da ciência e a construção de teorias. Ao segmentar um processo em camadas, os pesquisadores podem investigar cada componente de maneira mais aprofundada, identificar possíveis áreas de melhoria e propor soluções inovadoras (Kuhn, 1962).

Além disso, a sistematização do conhecimento em camadas permite uma abordagem interdisciplinar, na qual diferentes áreas do saber podem contribuir para a análise e a solução de problemas complexos. Essa abordagem integrativa e colaborativa tem sido cada vez mais valorizada na pesquisa científica e na produção de conhecimento (Stokols *et al.*, 2008).

Sendo a IHC uma área que também vai em direção à singularidade, a **interface** é trabalhada e personalizada para que se adeque ao jeito do usuário, às movimentações e comportamentos por ele esperado. Também é trabalhada (de forma artesanal) para que use ícone, figuras, símbolos, termos, desenhos, cores que se aproximem do inteligir do usuário, dentro de uma determinada sistematização.

É pela **interface** que se trabalha conceitos de engenharia semiótica, golfos de execução e avaliação, estado da aplicação, design, acessibilidade, entre outros assuntos. A aplicação então, é feita mediante o uso de interfaces que usam um conjunto de meios tecnológicos de modo que se encaixe no jeito do usuário.

Realizando uma rápida analogia entre IHC e FC, podemos dizer que a **interface** é um objeto que agrega diversas soluções (submodos) construído a partir da especificação (historicidade) vinda do usuário (partilhante) e modelado (EP) para resolução das questões (assunto imediato) apontadas pelo usuário (partilhante), contendo funções personalizadas e também específicas e necessárias (assunto último).

O conceito de '**camadas**', portanto, é aplicável em várias áreas do conhecimento, incluindo pintura, arquitetura, escultura e música, dentre outras. Pensando na área da Filosofia Clínica, em se tratando de uma '**camada/interface**' em diálogo com a sua metodologia, desenvolvemos o conceito de '**modos**'.

Agora que sabemos o sentido de utilizarmos o termo MODOS, que é conhecido de forma correspondente na IHC como INTERFACE, é imprescindível que tenhamos a clareza a que se refere esta '**interface**', na área de computação, ou seja: a) ao jeito da aplicação; ou, à maneira pela qual a aplicação se apresenta; e ainda: b) aos comportamentos que ela poderá ter; ou, ao estado da aplicação.

Para que o leitor possa visualizar melhor o que acabamos de explicar acerca da maneira e do estado da aplicação/sistematização/*software*, apresentamos a imagem (Figura 3) de nosso ‘Quadro’ acerca das interseções conceituais entre FC e IHC para desenvolvimento do protótipo de *software* em apoio aos filósofos clínicos, especialistas e estudantes em formação na formação em FC, disponibilizado em nossa dissertação de mestrado:

Figura 3 – Do Quadro 1 – sobre as Interseções Conceituais entre FC e IHC para Protótipo de *Software*

BASES CATEGORIAIS PARA PROTOTIPAGEM DO SOFTWARE mapEP	
Filosofia Clínica (FC)	Interação Humano-Computador (IHC)
Anos 80	Anos 80
Partilhante	Usuário
Assunto imediato	How Might We (HMW)
Assunto último	Point Of View (POV)
Historicidade	Jornadas / Empatia (divergência)
Dados divisórios primeira leva	Definições / marcações
Dados Divisórios segunda leva	Ideação (mapas, diagrama, persona, <i>brainstorming</i> , etc)
Enraizamento	Questionários, entrevistas
Base categorial	Contexto em uso
Tópicos	Módulos
Modos (não está explícito)	Estado da Aplicação, o “jeito” da aplicação, como a aplicação se comporta
Submodos	Funcionalidades associadas ao estado da aplicação
Aplicação de Submodos	Prototipação, teste unitário, teste integrado, ajuste, homologação, entrega.

Fonte: Nascimento, M. S. A. (2024, p. 50).

Conforme a Figura 3, já é possível visualizarmos onde estaria situada a camada/interface ‘**modos**’ na base categorial, epistemológica e metodológica da Filosofia Clínica (FC), em relação à camada/interface ‘**estado da aplicação**’ da Interação Humano-Computador (IHC), enquanto disciplina das Ciências da Computação, cada qual em sua própria plataforma de saberes/conhecimentos sistematizados.

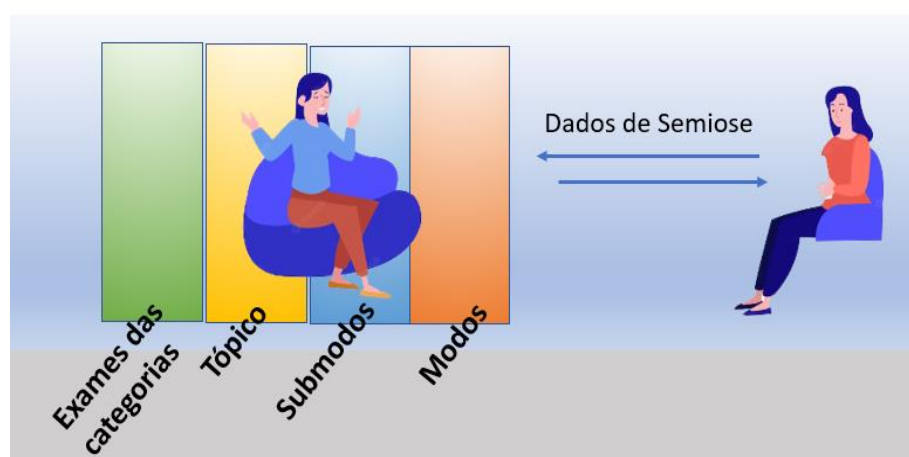
Para se ter um melhor exemplo sobre o uso dos termos ‘camada’ e ‘plataforma’ no contexto da FC, foi elaborada a Figura 4 para melhor elucidar a importância e a relação dessas terminologias aos seus conceitos. A imagem representa a pessoa partilhante e a terapeuta filósofa clínica no momento da terapia existencial.

Ao observarmos que o posicionamento da camada ‘**modos**’ se encontra localizada como sendo a primeira camada na imagem, da direita para a esquerda, por representar o corpo / a corporeidade da partilhante, entendemos que é esta a camada que vai interagir com a terapeuta. No momento de interação, elementos de outras camadas passam a ser explicitados.



Na organização/sistematização da dinâmica desta plataforma existencial, a terapeuta recebe as informações da partilhante, e, aos poucos, vai identificando os conteúdos que existem nas outras camadas, isto é, como eles se relacionam, como conversam, dialogam, interagem com a camada ‘**modos**’.

Figura 4 – Primeira Interpretação da Plataforma Existencial (PE) em Filosofia Clínica



Fonte: Nossa compilação<sup>6</sup> para a implementação da camada ‘**modos**’ (Autoria, 2023).

A criação da camada ‘MODOS’ como uma ‘INTERFACE’ surgiu a partir de três análises. A primeira análise se refere à utilização do termo ‘**Modo**’ existente na FC, citado por diversos autores para explicar outro termo, os ‘**submodos**’ (SMs).

Os “SUBMODOS: São os **modos** práticos com que uma estrutura de pensamento vivencia, efetiva a sua subjetividade. São as maneiras como a pessoa expressa seus comportamentos, atuações e experiências íntimas no esforço de realizar a sua vontade” (Goya, 2020, p. 221 – grifo nosso).

Nas palavras de Tittanegro temos: “Os Submodos são os **modos** de ser em ou sob uma estrutura de pensamento, em ou sob seus modos de olhar/pensar/perceber/sentir um mundo, si mesmo – Existência” (2020, p. 11 – grifo nosso). Moura descreve: “Sempre que falamos em submodos, estamos falando de ações, **modos** de agir” (2020, p. 107 – grifo nosso). Ao escrever sobre o submodo Análise Indireta, Fernandes observa: “Neste **modo** de agir, a pessoa abandona a situação que estava sendo tratada e passa a se dedicar a uma outra” (2020, p. 180 – grifo nosso).

<sup>6</sup> Montagem original a partir de imagem coletada no Google Imagem e posterior associação de figuras geométricas. Ressaltamos que na atualidade com as IAs *ChatGPT*, *Copilot*, dentre outras, é possível gerar outras novas imagens para ilustrar nosso pensamento sobre as camadas/interfaces, e isso seria aderir a outro tipo de plataforma e sistematização de aplicações.



A segunda análise se refere ao próprio uso do submodo Divisão (SM9) sobre o método da Filosofia Clínica. Com este submodo, é possível seccionar um fluxo informativo para se aproximar e conhecer aspectos até então não percebidos. A composição das camadas se fundamenta neste propósito, de promover um dado divisório que forneça novos dados, novas visões a partir do corte de fluxos. Quando há uma nova segmentação de um ponto ‘A’ até um ponto ‘B’, torna-se possível vislumbrar novas informações.

A terceira análise se fundamenta na área de Interação Humano-Computador (IHC) que tem como um de seus objetivos a gestão de conhecimento para a especificação de sistemas. Conforme destacado por Dias, Silva & Penteadó (2013, p. 33), “a atividade de especificação de requisitos deve ser realizada com base no conhecimento e nas expectativas dos usuários, dos especialistas da área de aplicação e dos desenvolvedores de software”.

Nesse sentido, a gestão de conhecimento é essencial para garantir que as necessidades dos usuários sejam atendidas e que o software desenvolvido seja útil e eficiente.

A utilização de técnicas de gestão de conhecimento pode auxiliar na especificação e representação dos requisitos dos usuários, além de facilitar a comunicação e colaboração entre os diferentes envolvidos no processo de desenvolvimento de *software*. Segundo Barbosa e Silva (2010, p. 51), a gestão de conhecimento “possibilita a identificação, captura, organização, compartilhamento e aplicação de conhecimentos relevantes para o desenvolvimento de software”.

Com base nas três formas de análise, foi criada a estrutura vazia chamada ‘**modos**’ e preenchida com tópicos (T) da Estrutura de Pensamento (EP) que referenciam o jeito, o comportamento, a comunicação e a expressividade. Os tópicos que ‘migraram’ da EP para a camada ‘**modos**’, foram: T3-Sensorial & Abstrato, T13-Comportamento e Função, T15-Semiose, T21-Expressividade.

Diante da nova camada ‘**modos**’, surgiu um novo desafio frente ao método da IHC: ao criar uma camada em uma plataforma, é essencial avaliar tanto os fluxos internos à camada (processos) quanto os fluxos externos que a interconectam com outras camadas (Simon, 1962).



Essa avaliação permite compreender a dinâmica e o funcionamento da plataforma como um todo, identificar gargalos e pontos de melhoria, e otimizar o desempenho e a eficiência do que está sendo sistematizado (Checkland, 1981).

Os fluxos internos à camada referem-se aos processos e interações que ocorrem dentro da camada em questão. A análise desses fluxos é fundamental para entender como os componentes individuais da camada interagem entre si e contribuem para o funcionamento geral da plataforma (Bertalanffy, 1968).

Por outro lado, os fluxos externos envolvem a interação entre a camada em análise e as demais camadas que compõem a plataforma. Esses fluxos são cruciais para garantir a integração e a cooperação entre as diferentes camadas, assegurando que a plataforma funcione de maneira eficiente e eficaz (Churchman, 1971).

A avaliação dos fluxos internos e externos em uma plataforma é fundamentada nos princípios da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 1968) e da Cibernética (Wiener, 1948). Essas abordagens teóricas enfatizam a importância de considerar os sistemas como um conjunto de componentes interconectados e interdependentes, cujo funcionamento é influenciado tanto pelas interações internas quanto pelas interações com o ambiente externo.

Diante disso, a pesquisa tomou por escopo considerar somente os fluxos internos da camada Modos. Para isso, pesquisou-se a possibilidade de promover uma nova divisão, a partir do uso do Submodo Divisão (SM9) aplicado na própria camada Modos. Diante dos tópicos que pertencem à nova camada, identificou-se duas possibilidades de divisão: **‘modos de ser’** e **‘modos de agir’**. Essas duas partições do conceito de **‘modo’**, em filosofia, podem ser compreendidas de maneiras distintas, embora estejam interligadas em diversos aspectos.

O **‘modo de ser’**, conforme discutido por Heidegger (1962/2012), refere-se à natureza intrínseca e à essência de algo ou alguém, englobando as características, traços e qualidades que compõem a identidade e existência de um indivíduo ou entidade. O modo de ser está relacionado ao estado ou condição de existir, e pode ser influenciado por fatores como genética, cultura, experiências e crenças pessoais (Sartre, 1997).

Por outro lado, o **‘modo de agir’** está relacionado às ações, comportamentos e atitudes que um indivíduo ou entidade manifesta em resposta a estímulos e situações (Ricoeur, 1990). Este conceito está presente na obra de Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco* (Aristóteles, 1984), onde ele aborda a importância das ações e comportamentos



na formação do caráter e da virtude. O modo de agir é uma expressão externa do modo de ser e é moldado por fatores como educação, empatia, habilidades, valores e crenças de um indivíduo.

Para a primeira partição ‘**modos de ser**’, foram considerados os aprofundamentos realizados por Packter sobre a corporeidade e por Aristóteles sobre o corpo (corpo aristotélico: cabeça, tronco e membros).

Sobre este aspecto, para contextualizar uma possível descrição dos fluxos desta partição, foi composto um processo com cinco passos bem definidos, seguindo criteriosamente o método da Filosofia Clínica, conforme descrevemos no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Cinco passos da partição ‘MODOS DE SER’ da camada ‘MODOS’

PASSO	DESCRIÇÃO
1	Identificação da fisionomia e da corporeidade, analisando-se os elementos que compõem a vivência do indivíduo, de modo a compreender a perspectiva singular de cada pessoa;
2	Foco na questão da fisiologia e na ordenação interna dos elementos, ou seja, como os elementos identificados se relacionam e interagem entre si;
3	Avaliação da importância desses elementos na história de vida da pessoa, a posição que ocupam, se são sazonais, se têm relevância ou não, e os contextos em que ocorrem (relação com outras camadas);
4	Investigação sobre os problemas enfrentados, os eventos que ocorreram e como as questões se dimensionaram ao longo do tempo;
5	Procedimentos clínicos, quando for indicado.

Fonte: Aatoria, 2024.

Para a segunda partição ‘**modos de agir**’, elaborou-se uma correlação de dez modos de agir conhecidos socialmente, com os ‘**submodos**’<sup>7</sup> da Filosofia Clínica. Para a realização desse trabalho, definimos quatro objetivos, quais sejam:

- 1) Destacar a submissão de ‘**submodos**’ à camada ‘**modos**’, por esta ser derivada da EP;
- 2) Possibilitar um novo inteligir para o aprendizado da metodologia, a partir da uma aproximação da práxis filosófica;

<sup>7</sup> Para maior clareza quanto às nomenclaturas, apresentamos os 32 componentes do que Lúcio Packter chamou de Tábua de Submodos, os quais estão listados a seguir: 1) em direção ao termo singular, 2) em direção ao termo universal, 3) em direção às sensações, 4) em direção às ideias complexas, 5) esquema resolutivo, 6) em direção ao desfecho, 7) inversão, 8) recíproca de inversão, 9) divisão, 10) argumentação derivada, 11) atalho, 12) busca, 13) deslocamento curto, 14) deslocamento longo, 15) adição, 16) roteirizar, 17) recepcionar, 18) estética, 19) estética seletiva, 20) tradução, 21) informação dirigida, 22) vice-conceito, intuição, 24) retroação, 25) intencionalidade dirigida, 26) axiologia, 27) autogenia, 28) epistemologia, 29) reconstrução, 30) análise indireta (função, ação, hipótese, experimentação), 31) expressividade, 32) princípios de verdade.



- 3) Possibilitar um novo olhar sobre a partição ‘**modos de ser**’, que pode possuir os submodos destacados ou não;
- 4) Permitir novas pesquisas onde se poderá aprofundar, por exemplo, a mudança dos submodos em um ‘**modo de agir**’ a partir da mudança da Base Categorical.

No sentido de iniciarmos a realização desses objetivos, apresentamos a seguir o Quadro 3, com as dez correlações da partição ‘**modos de agir**’ da camada ‘**modos**’:

Quadro 3 – Dez ‘MODOS DE AGIR’ da camada ‘MODOS’ correlatos aos ‘SUBMODOS’

DESCRIÇÃO DO MODO DE AGIR	SUMODOS EM CORRELAÇÃO
Tomada de decisão	Envolve a utilização de técnicas para avaliar prós e contras (SM5), segmentar informações (SM9) e identificar as razões e causas por trás das opções (SM10) a fim de escolher a melhor alternativa;
Resolução de problemas	Requer a habilidade de identificar a singularidade de um problema (SM1), avaliar prós e contras (SM5), segmentar informações (SM9), identificar causas (SM10) e reorganizar o pensamento (SM27) para encontrar soluções;
Gestão do tempo	Envolve a capacidade de buscar a finalização de tarefas (SM6) e realizar atividades em direção a metas e projetos (SM12), otimizando o uso do tempo disponível;
Comunicação assertiva	Refere-se à habilidade de se expressar de maneira clara e direta (SM7), considerando as necessidades e perspectivas dos outros (SM8), esclarecer informações (SM20) e oferecer informações úteis (SM21);
Empatia	Compreende a habilidade de se colocar no lugar do outro (SM7), direcionar-se ao outro (SM8), compreender o sentido das emoções e experiências alheias (SM17) e valorizar as necessidades e sentimentos dos outros (SM26);
Autoconhecimento	Envolve a exploração da própria singularidade (SM1), generalização (SM2), sensações (SM3), abstrações (SM4), opiniões e achismos (SM11), pensamentos próximos (SM13), lembranças (SM14) e reorganização do pensamento (SM27);
Criatividade	Requer a habilidade de explorar ideias complexas e abstrações (SM4), criar cenários e narrativas (SM16), expressar-se artisticamente (SM19), utilizar metáforas e analogias (SM22) e reconstruir situações para criar algo novo (SM29), buscar novos caminhos, novos percursos, novos meios (SM11).
Aprendizagem contínua	Envolve a busca por especialização (SM1), generalização (SM2), abstrações (SM4), realização de projetos e metas (SM12) e aquisição de novos conhecimentos (SM28);
Gestão emocional	Compreende a habilidade de lidar com as próprias sensações (SM3), expressar emoções de forma bruta (SM18) ou controlada (SM19), redirecionar a atenção (SM25), valorizar emoções (SM26), analisar emoções indiretamente (SM30) e gerenciá-las (SM32);
Canto	Envolve a expressão artística e emocional através da música (SM19) e a manifestação da própria identidade e expressividade na performance (SM31).

Fonte: Aatoria, 2024.

Após a proposição dos cinco passos da primeira partição (**ser**) e da análise das dez correlações da segunda partição (**agir**) da camada ‘**modos**’, bem como após o estudo dos seus fluxos internos, torna-se possível trazer com riqueza de detalhes, o resultado obtido a partir da união dessas duas partições.



Ao explorarmos os fluxos internos de uma camada e de suas subdivisões, os pesquisadores podem adquirir uma compreensão aprofundada dos processos e interações que ocorrem em cada componente de um sistema.

No entanto, é igualmente importante considerarmos o movimento inverso, isto é, o processo de integração dessas camadas e suas subdivisões, a fim de obtermos *insights* valiosos e promovermos novas descobertas (Capra, 1996).

A integração de camadas e suas subdivisões pode ser fundamentada na Teoria dos Conjuntos proposta por Georg Cantor (Cantor, 1874). Cantor usou essa teoria para fornecer uma base matemática sólida para a análise de conjuntos e suas relações. A Teoria dos Conjuntos permite estudar as interações entre componentes de um sistema, promovendo novas visões e interpretações (Halmos, 1960).

A abordagem de Cantor contribui para a ideia de sistemas complexos e a teoria da complexidade (Holland, 1995). Essas teorias enfatizam que o comportamento emergente e as propriedades de um sistema não podem ser compreendidos apenas pela análise de seus componentes individuais, mas sim pelo estudo das interações entre esses componentes e das dinâmicas que surgem a partir dessas interações (Anderson, 1972).

Ao unir camadas e suas subdivisões, os pesquisadores podem identificar padrões e relações que não seriam evidentes por meio da análise de cada componente de forma isolada (Bar-Yam, 1997).

Essa abordagem integrativa, inspirada na Teoria dos Conjuntos de Cantor, permite a descoberta de novos fenômenos e a geração de hipóteses inovadoras, contribuindo para o avanço do conhecimento e a solução de problemas complexos (Strogatz, 2001). A combinação de diferentes áreas do conhecimento promove a colaboração interdisciplinar e contribui para o avanço da ciência e a solução de problemas complexos.

Além disso, a integração de camadas e subdivisões pode promover a colaboração interdisciplinar e a troca de ideias entre diferentes áreas do saber, enriquecendo a pesquisa científica e ampliando as possibilidades de inovação (Rosenfield, 1992).

Ao aplicarmos essas teorias e conceitos em diferentes campos e contextos, pesquisadores podem continuar a descobrir novos padrões e relações emergentes, expandindo as fronteiras do conhecimento e promovendo a inovação. Nisto, inclui-se também a possibilidade de construção de novos procedimentos clínicos para a Filosofia Clínica.



Conclui-se que, tomando por base a Teoria dos Conjuntos de Georg Cantor, a teoria dos sistemas complexos e a teoria da complexidade, fica evidente que a união de camadas e suas subdivisões após a análise dos fluxos internos é fundamental para a obtenção de novos *insights* e descobertas.

A união das duas partições da camada ‘**modos**’ (ser e agir), além da integração desta camada com a camada ‘**submodos**’, como foi apresentado no Quadro 3, promoveram os seguintes *insights*, os quais destacamos no Quadro 4:

Quadro 4 – Dez ‘MODOS DE AGIR’ da camada ‘MODOS’ correlatos aos ‘SUBMODOS’

<b>INSIGHTS</b>	<b>EXPLANAÇÃO</b>
<b>A camada Modos constitui a interface por meio da qual o terapeuta obtém informações</b>	É através desta camada que o filósofo clínico obtém a historicidade. É na camada Modos que são aplicados submodos, pois fazem interface com o terapeuta. Modos recebe os procedimentos clínicos e pode direcionar para outros elementos da subjetividade (outras camadas), podendo ir além, atingindo a base categorial e vizinhanças.
<b>Modos pode ser estudada de duas formas: ‘modos de ser’ e ‘modos de agir’</b>	Para compreender tanto uma como a outra, é preciso conhecer a historicidade do partilhante. Modos de ser e modos de agir podem entrar em choque. Um submodo pode se aplicar à um modo, ou de ser ou de agir. Um submodo pode se aplicar nos dois modos.
<b>Modos pode refletir ou não a historicidade; pode possuir uma própria historicidade.</b>	Modos pode ter uma ligação forte ou fraca com outros tópicos, a partir de elementos ou combinação deles. Modos pode representar aspectos dos modos de outras pessoas e espelhar elementos do mundo. Modos pode receber um estímulo tão forte que proporcionará a EP buscar elementos em outras camadas, encontrando coisas que o partilhante jamais imaginaria possuir. O sujeito pode se assustar com isso, questionando-se ‘como fiz isso?’
<b>Modos pode variar de acordo com as circunstâncias.</b>	Pode combinar elementos internos e externos, ser a correspondente direta de um ou vários tópicos. Pode se comportar como uma antena, captando facilmente diversos elementos, semioses cruzadas. Modos pode apresentar plasticidade (dinamismo) e flexibilidade (adaptabilidade) em diferentes graus. Pode ser extensível (corporeidade). Modos pode engendrar jeitos em prol de uma adaptação.
<b>Modos pode ter peso subjetivo ou não, entrar em conflito consigo mesmo ou com outros elementos/camadas</b>	Pode ser assunto imediato ou último, pode ser enraizado ou não. Pode ser indesejado, querer ser invisível ou oculto pelo partilhante. Modos pode desejar ou não ser tocado. Modos pode ser agendado, promover discursos contrários ou revelar funções ocultas. Modos pode mover inúmeros elementos das outras camadas por causa de uma imagem, de um som, de um cheiro, de uma sensação.

Fonte: Aatoria, 2024.

Nessa ambientação integrativa das partições da camada ‘**modos**’ com outras camadas/interfaces, tematizamos as inter-relações de saberes dinamizados pela metodologia da filosofia clínica e pelas ciências da computação, a partir das sistematizações de Packter e Cantor.



#### 4 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO E ANALÍTICO DA PESQUISA

A pesquisa se fundamentou em documentos e materiais físicos e digitais, via motores de busca na *internet*, como plataformas *Google*, *Scholar Google*, com os descritores ‘Packter and Filosofia Clínica’, ‘ferramentas and IHC’, ‘tecnologias and IHC’, ‘ciência da computação and IHC’, ‘tecnologias and Filosofia Clínica’, ‘tecnologias and terapia’, ‘Cantor and conjuntos’, cujo recorte focou nas metodologias sistematizadas por Packter e Cantor.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, embasada em autores das áreas de conhecimento investigadas. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa, de método histórico de abordagem, apoiado em proposições oriundas de textos escolhidos em Revisão de Literatura nas áreas de FC e Ciências da Computação, via procedimento metodológico bibliográfico e documental realizado sobre o tema, no âmbito de um artigo de pesquisa básica de revisão e análise.

Neste trabalho investigativo verificamos a possibilidade de criação de novos procedimentos clínicos, ao aproximarmos a Filosofia Clínica com outras áreas do saber, tendo em vista a temática geral da linha de pesquisa FC & Procedimentos Clínicos do Mestrado em Filosofia Clínica, que foca na produção de texto científico voltado ao estudo dos Submodos, que são formas livres e abertas à atividade terapêutica filosófica, a partir dos conteúdos da EP.

Independente do desafio a ser cumprido na questão de elaborar inovações para a Filosofia Clínica, é importante destacar o movimento de aproximação do sistematizador Lucio Packter. Na busca desta aproximação, a pesquisa pontuou elementos fundamentais como a recíproca de inversão que se direcionaram a outros autores e outras áreas. Sobre este aspecto, enfatizamos a importância da fluência de um saber, elemento que permitirá a avaliação dos próprios processos de aproximação. Sob esta direção, a pesquisa fez uso constante da ideia de compreensão o método da Filosofia Clínica como um todo, a partir de uma visão em camadas (sistematização de um processo) e posteriormente a visão da plataforma.

#### 6 INFERÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES

O avanço da pesquisa nos permitiu caminhar em direção à criação de novos procedimentos clínicos e identificar outros elementos importantes, o que se aprofundou





para um campo relevante do conhecimento, mais especificamente, a sistematização, possibilitando a observação do potencial de trabalhar em questões inovadoras para a filosofia clínica. Novos procedimentos clínicos altamente personalizados podem ser criados a partir de estruturas vazias. A criação de camadas também pode proporcionar novas interpretações da sistematização, bem como a organização de processos.

A organização de processos tem o caráter de criação e inovação. Além disso, é possível avaliar o impacto da subtração de camadas em um processo cognitivo. Por meio da organização de processos, é possível criar estruturas do tipo ‘*container*’ que agregam novas estruturas e subestruturas para gerar uma classificação. A análise estrutural como um todo pode ser criada e dessa forma, permitir comparações com outras estruturas originadas de outros saberes.

A ausência de uma camada em diversas áreas do conhecimento pode afetar significativamente a compreensão, o aprofundamento, as descobertas e a inovação, tanto na parte teórica como na prática. Além disso, essa falta de camadas pode interferir no processo de ensino-aprendizagem, prejudicando a assimilação e o entendimento de informações complexas.

Na área da pintura, a ausência de camadas pode comprometer a riqueza de detalhes e nuances de cores presentes na obra, dificultando a apreciação e a compreensão das intenções do artista (Mayer, 1991). Na arquitetura, a falta de camadas pode levar a uma organização espacial insuficiente, prejudicando a funcionalidade e a experiência dos usuários nos edifícios (Alexander *et al.*, 1977).

No campo das esculturas, a omissão de camadas pode afetar a resistência e a qualidade dos materiais, comprometendo a durabilidade e a integridade das obras (Richards, 1995). Na música, a falta de camadas de harmonia e textura pode resultar em composições menos interessantes e com menor complexidade sonora (Cook, 1998).

Em relação à filosofia e às ciências, a ausência de camadas em análises e teorias pode levar a uma compreensão superficial dos fenômenos estudados, limitando o avanço do conhecimento e a inovação (Kuhn, 1962). No processo de ensino-aprendizagem, a falta de uma abordagem em camadas pode dificultar a assimilação e a compreensão de conceitos complexos pelos alunos, prejudicando seu desempenho acadêmico (Vygotsky, 1978).

Em suma, a matematização de processos e a organização do conhecimento em camadas são aspectos cruciais para a compreensão e o avanço das diversas áreas do saber.



A sistematização do conhecimento facilita a comunicação das ideias e a construção de teorias e soluções inovadoras, promovendo uma abordagem interdisciplinar e colaborativa na pesquisa científica.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. W. *More is different*. *Science*, v. 177, n. 4047, p. 393-396, 1972. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.177.4047.393>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ALEXANDER, C. *et al. A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*. New York, NY: Oxford University Press, 1977. Disponível em: [https://arl.human.cornell.edu/linked%20docs/Alexander\\_A\\_Pattern\\_Language.pdf](https://arl.human.cornell.edu/linked%20docs/Alexander_A_Pattern_Language.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Sem data de publicação original)

BARBOSA, S. D. J.; SILVA, B. S. **A gestão do conhecimento no processo de desenvolvimento de software**. In: XVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 2010. Anais eletrônicos... Aracaju: SBC, 2010. p. 51-60.

BAR-YAM, Y. *Dynamics of Complex Systems*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1997. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=30W4DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=BAR-YAM,+Y.+Dynamics+of+Complex+Systems.+Reading,+MA:+Addison-Wesley,+1997&ots=7oWRsbJKl2&sig=PxtI1vndO71fa7g0eWz-j5\\_yUZk#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=30W4DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=BAR-YAM,+Y.+Dynamics+of+Complex+Systems.+Reading,+MA:+Addison-Wesley,+1997&ots=7oWRsbJKl2&sig=PxtI1vndO71fa7g0eWz-j5_yUZk#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 25 jun. 2022.

BERTALANFFY, L. von. *General System Theory: Foundations, Development, Applications*. New York, NY: George Braziller, 1968. Disponível em: [https://monoskop.org/images/7/77/Von\\_Bertalanffy\\_Ludwig\\_General\\_System\\_Theory\\_1968.pdf](https://monoskop.org/images/7/77/Von_Bertalanffy_Ludwig_General_System_Theory_1968.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.

BRESCIANI, S.; EPPLER, M. J. **The benefits of synchronous collaborative information visualization: evidence from an experimental evaluation**. IEEE Transactions on Visualization and Computer Graphics, v. 16, n. 6, p. 1073-1080, 2010. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/5290714>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CANTOR, G. *Über eine Eigenschaft des Inbegriffes aller reellen algebraischen Zahlen*. *Journal für die reine und angewandte Mathematik*, v. 77, p. 258-262, 1874.

CARROLL, J. **Human Computer Interaction** – brief intro. In: SOEGAARD, Mads; DAM, RikkeFriis (Ed.). *The Encyclopedia of Human-Computer Interaction*. 2nd ed.



- Aarhus, Denmark: *the Interaction Design Foundation*. 2013. Disponível em: [https://www.interaction-design.org/encyclopedia/human\\_computer\\_interaction\\_hci.html](https://www.interaction-design.org/encyclopedia/human_computer_interaction_hci.html). Acesso em: 25 jun. 2022.
- CARROLL, J. M. (Ed.). *HCI Models, Theories, and Frameworks: Toward a Multidisciplinary Science*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2003. Disponível em: <http://ppdi.stmik-banjarbaru.ac.id/data.bc/14.%20Human%20Computer%20Interaction/2003%20HCI%20Models%2C%20Theories%2C%20and%20Frameworks.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- CHECKLAND, P. *Systems Thinking, Systems Practice*. Chichester: John Wiley & Sons, 1981. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1099-1743\(200011\)17:1+%3C::AID-SRES383%3E3.0.CO;2-Q](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1099-1743(200011)17:1+%3C::AID-SRES383%3E3.0.CO;2-Q). Acesso em: 25 jun. 2022.
- CHURCHMAN, C. W. *The Design of Inquiring Systems: Basic Concepts of Systems and Organization*. New York, NY: Basic Books, 1971. Disponível em: <https://www8.informatik.umu.se/~kivanov/ChurchmanDIS.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- COOK, N. *Music: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 1998. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7517908/mod\\_resource/content/0/Cook-Music\\_very\\_short\\_introduction\\_sem%20fichamento.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7517908/mod_resource/content/0/Cook-Music_very_short_introduction_sem%20fichamento.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York: Harper & Row, 1990. Disponível em: <https://blogs.baruch.cuny.edu/authenticityandastonishment2/files/2013/04/Mihaly-Csikszentmihalyi-Flow1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- DIAS, A. V.; SILVA, P. G. B.; PENTEADO, R. A. P. **Interação humano-computador: fundamentos e práticas**. São Paulo: Editora Pearson, 2013.
- DAY, R. A.; GASTEL, B. **Como escrever e publicar um artigo científico**. São Paulo: Artmed, 2006.
- FERNANDES, Cláudio *et al.* **Filosofia Clínica – Submodos**. São Paulo: Ed. Independente, 2020.
- FROMM, E. *The art of loving*. New York: Harper & Row, 1956. Disponível em: [https://ia800201.us.archive.org/30/items/TheArtOfLoving/43799393-The-Art-of-Loving-Erich-Fromm\\_text.pdf](https://ia800201.us.archive.org/30/items/TheArtOfLoving/43799393-The-Art-of-Loving-Erich-Fromm_text.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.
- SALLAM, Rita L. *et al.* **Magic Quadrant for Application Infrastructure for Systematic Application Integration Projects**. 2011. Disponível em: [http://in1.com.br/sites/default/files/magic\\_quadrant\\_for\\_business\\_\\_210036.pdf](http://in1.com.br/sites/default/files/magic_quadrant_for_business__210036.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.
- GOYA, Will. **A escuta e o silêncio: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 268p.



GOYA, Will. **A escuta e o silêncio**: lições do diálogo na filosofia clínica = *Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy* / Will Goya; tradução Clare Charity; revisão Fernanda Moura. 2. ed. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. 422 p.

HALMOS, P. R. *Naive Set Theory*. Princeton, NJ: D. Van Nostrand Company, 1960. Disponível em: [http://people.whitman.edu/~guichard/260/halmos\\_\\_naive\\_set\\_theory.pdf](http://people.whitman.edu/~guichard/260/halmos__naive_set_theory.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.

HEIDEGGER, M. *Being and Time*. Tradução de J. Macquarrie & E. Robinson. Harper & Row, 1962. Disponível em: <http://pdf-objects.com/files/Heidegger-Martin-Being-and-Time-trans.-Macquarrie-Robinson-Blackwell-1962.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback e Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2012.

HINTON, G. E., OSINDERO, S., & TEH, Y. W. *A fast learning algorithm for deep belief nets*. *Neural Computation*, 18(7), 1527-1554. 2006. Disponível em: <https://www.cs.toronto.edu/~fritz/absps/ncfast.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

HOLLAND, J. H. *Hidden Order: How Adaptation Builds Complexity*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995. Disponível em: [C:\Users\seceb\Downloads\Holland\\_\\_Hidden\\_Order\\_\\_How\\_Adaptation\\_Builds\\_Complexity\\_\\_Helix\\_Books\\_.pdf](C:\Users\seceb\Downloads\Holland__Hidden_Order__How_Adaptation_Builds_Complexity__Helix_Books_.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.

JOHNSON, M. *The art of orientation: mapping the existential terrain*. London: Routledge, 2002.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1962.

MANDELBROT, B. *The Fractal Geometry of Nature*. New York: W. H. Freeman and Company, 1982. Disponível em: <https://archive.org/details/fractalgeometryo00beno>. Acesso em: 25 jun. 2022.

MAYER, R. **A tecnologia na arte**: Da pré-história ao século XX. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NASCIMENTO, C. E. S. Filosofia Clínica e Hospitais. In: SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Mikaelis, 2020.

NASCIMENTO, M. S. A. **Inter-relações de saberes com foco centrado na pessoa**: o uso da computação como ferramenta de pesquisa clínica e compreensão do ser humano. 2024. 130 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Clínica) – Instituto Sendtko de Ensino Superior, Chapecó/SC, 2024.

NASCIMENTO, M. S. A. Mapeamento da Estrutura de Pensamento – *MapEP*. Site, 2022a. Disponível em: <https://sites.google.com/view/mapep>. Acesso em: 03 out. 2022.



NASCIMENTO, M. S. A. **Protótipo de Software mapEP**. 2022b. Disponível em: <https://www.educacaoinovacao.com.br/mapep/>. Acesso em: 03 out. 2022.

NASCIMENTO, M. S. A. **Relatório Final de Implementação do Protótipo de Software mapEP para Mapeamento da Estrutura de Pensamento**. 2022c.

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1Rv3i2kmOHVK3qK6IjMzIaRogNp9to8oj/view>.

Acesso em: 03 out. 2022.

NIEDERAUER, Mariza. Filosofia Clínica e Consultórios. In: SILVA, Miguel (Org.). Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. p. 201.

PARNAS, D. L. *On the Criteria To Be Used in Decomposing Systems into Modules*.

*Communications of the ACM*, v. 15, n. 12, p. 1053-1058, 1972. Disponível em:

[https://www.win.tue.nl/~wstomv/edu/2ip30/references/criteria\\_for\\_modularization.pdf](https://www.win.tue.nl/~wstomv/edu/2ip30/references/criteria_for_modularization.pdf).

Acesso em: 20/01/2023.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: fundamentos teóricos e práticos**. São Paulo: Instituto Packter, 1999.

PACKTER, Lúcio. **Caderno A – Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 67p.

POLYA, G. *How to Solve It: A New Aspect of Mathematical Method*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1957. Disponível em:

<http://www.im.ufrj.br/~monica/funcoes/Polya.pdf>. Acesso em: 20/01/2023.

RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990. Disponível em: [http://palimpsestes.fr/textes\\_philo/ricoeur/ricoeur-soi-meme.pdf](http://palimpsestes.fr/textes_philo/ricoeur/ricoeur-soi-meme.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.

RICHARDS, M. **Escultura: técnicas e materiais**. São Paulo: Blume, 1995.

ROGERS, C. R. *Client-centered therapy: its current practice, implications and theory*.

London: Constable, 1951. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pSsXAAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA95&dq=ROGERS,+C.+R.+Client-centered+therapy:+its+current+practice,+implications+and+theory.+London:+Constabl>

[e,+1951.&ots=-](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pSsXAAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA95&dq=ROGERS,+C.+R.+Client-centered+therapy:+its+current+practice,+implications+and+theory.+London:+Constabl)

[ZzW7m7aeM&sig=LIsmoN8S\\_5m9fgESwKaQvdm8Ll0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pSsXAAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA95&dq=ROGERS,+C.+R.+Client-centered+therapy:+its+current+practice,+implications+and+theory.+London:+Constabl).

Acesso em: 25 jun. 2022.

ROSENFELD, P. L. *The potential of transdisciplinary research for sustaining and extending linkages between the health and social sciences*. *Social Science & Medicine*, v. 35, n. 11, p. 1343-1357, 1992. Disponível em:

C:\Users\seceb\Downloads\The\_potential\_of\_transdisciplinary\_resea.pdf. Acesso em: 20/01/2023.

SAFDIE, M. *Form and Purpose*. New York: Rizzoli, 1997.



SAFDIE, M., & KOHN, W. *Moshe Safdie II*. Mulgrave: Images Publishing, 2016.

SARTRE, J.-P. *O Ser e o Nada*: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAWYER, R. K. *Explaining Creativity: The Science of Human Innovation*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

SIMON, H. A. *The architecture of complexity*. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 106, n. 6, p. 467-482, 1962. Disponível em: <https://www2.econ.iastate.edu/tesfatsi/ArchitectureOfComplexity.HSimon1962.pdf>. Acesso em: 20/01/2023.

SILVA, Miguel. [Org.]. *Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil*. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 241p.

SMITH, John. *A jornada para a fluência*: compreendendo as variações individuais. Rio de Janeiro: Editora Fluência, 2010.

SMITH, J. *The dynamics of self-adjustment: existential transformations*. New York: Harper & Row, 2015.

STOKOLS, D. *et al.* *The science of team science: Overview of the field and introduction to the supplement*. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 35, n. 2, p. S77-S89, 2008. Disponível em: [https://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797\(08\)00428-5/fulltext](https://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797(08)00428-5/fulltext). Acesso em: 20/01/2023.

WIENER, N. *Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine*. Cambridge, MA: MIT Press, 1948. Disponível em: [https://uberty.org/wp-content/uploads/2015/07/Norbert\\_Wiener\\_Cybernetics.pdf](https://uberty.org/wp-content/uploads/2015/07/Norbert_Wiener_Cybernetics.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.

YOO, Y.; HENFRIDSSON, O.; LYYTINEN, K. The new organizing logic of digital innovation: an agenda for information systems research. *Information Systems Research*, v. 21, n. 4, p. 724-735, 2010. Disponível em: [https://eclass.aegean.gr/modules/document/file.php/TNEY202/yoo-et-al--2010\\_1-%20copy.pdf](https://eclass.aegean.gr/modules/document/file.php/TNEY202/yoo-et-al--2010_1-%20copy.pdf). Acesso em: 25 jun. 2022.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978. Disponível em: <https://www.unilibre.edu.co/bogota/pdfs/2016/mc16.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

---

\* Mestrando do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: [maustn@gmail.com](mailto:maustn@gmail.com).